



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Conféderação Geral do Trabalho

EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redação, administração e tipografia, Calçada de Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico Talhada — Lisboa • Telefone 5339

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O Povo Protesta

A carestia do pão

A União dos Sindicatos Operários de Evora dirige um manifesto ao parlamento

Parce que devido a um mot-d'ordre por todo o Alentejo se pretende elevar o preço do pão. Em Beja, Portalegre, Vila Viçosa, Grandola, Alcaçovas e outros pontos os protestos do povo consumidor tem sido unânimes e energéticos. Onde, porém, a indignação popular atingiu o seu auge foi em Evora.

Já dois concorridíssimos comícios públicos se realizaram no teatro Garcia de Resende, tendo o povo exteriorizado a vontade de que o preço do pão não suba.

Depois de ter sofrido um aumento de 536 para 544, o pão agora, devido às manobras da Moagem, estava condonado a novo aumento. Pretendiam agora elevar-o para 580 cada quilo!

O povo de Evora, porém, levantou-se num unânime e energético protesto. É preciso que o povo não se submeta. A Moagem e a lavoura preparam um novo assalto à aldeia do povo trabalhador. Este deve responder-lhes com energia. Sabido que os governos estão sempre ao lado dos senhores o povo não deve confiar nos Messias, mas sim, compear, pela sua própria ação, os poderes públicos a respeitar a sua vontade.

O que está acontecendo hoje em Evora, não tardará que não se repita em Lisboa e outras localidades do país. A transigência do povo dum a cidade, dum vilarejo, anima os exploradores, que são os mesmos em toda a parte a formar o salto de tigre e cair sobre todos nós, levando-nos a pele, porque a camisa já não temos.

A União dos Sindicatos Operários de Evora tomou o caso a peito, tentando levar o governo por todas as formas suasionárias a não permitir que o preço aumente, evitando assim que casos lamentáveis de alteração de ordem pública se tenham de registar.

A comissão administrativa da U. S. O. de Evora fará distribuir hoje no parlamento o manifesto do teor que segue, a fim de elucidar os deputados sobre o assunto:

O pão é a base essencial da vida humana. Faz parte integrante do problema económico dos povos. Dificultar a sua aquisição, pela sua falta ou pela sua carestia é provocar abatos tremendos na ordem pública. Os detentores dos trigos, em Evora, pretendendo elevar o preço do pão parece que não desejam outra coisa que não seja a irritação popular, cujos resultados fustos todos preverem.

Diz-se que em Evora se consome o pão mais barato e que apesar disso, o povo desta cidade reclama constantemente contra a sua carestia. Ora, o pão é o principal alimento do alentejano. É também um produto regional e, portanto, livre de encargos de transporte e de inúmeros intermediários. Estas são razões suficientes para demonstrar que o pão desta cidade devia ter este alimento muito mais barato do que em qualquer outra parte. Infelizmente, os gananciosos, os moageiros e muitos lavradores não o querem entender assim.

De resto não é apenas o pão de Evora que se ergue indignado contra aqueles que pretendem roubá-lo. Também em Portalegre, Beja, Vila Viçosa, Grandola, Alcaçovas e outras localidades se protesta contra o pão caro. Ninguém pode admitir que haja criaturas que colocam os seus interesses acima dos colectivos, fazendo subir o preço dum género, que devia ser, entre todos, o mais barato. Nós produtoras, uns pelo esforço do braço, outros pelo do cérebro, não podemos admitir que nos roubem na nossa própria produção. O povo não pode nem deve pagar mais caro o pão. A elevação do seu preço provoca imediatamente a subida de outros géneros inipensáveis à vida.

Ante a ameaça terrível que se levanta o povo não deve ficar silencioso. Não se aceita de braços cruzados a terrificante promessa da miséria e de morte que os exploradores nos fazem. Há já inúmeros tugúrios onde campa a fome. A carestia do pão vem provocar a irá, a crise de trabalho que de dia para dia vai estendendo os seus tentaculos destruidores de lares coroar a obra nefasta — fomentar impetos de revolta. As classes trabalhadoras estão descontentes, as classes médias também.

Os deputados da nação não devem ignorar tudo isto. E estamos convencidos de que não quererão resolver este importante assunto, como é uso, à força de metralha. Uma resolução urgente, impõe-se, tendo sempre bem presente que o povo não pode, não quer, nem deve pagar mais.

Se o parlamento e o governo, julgam que tudo se resolverá pela violência estamos convencidos que não o conseguirão, porque como muito bem disse o jornal de Evora, *O Democrático* «os soldados da guarda-republicana também comem pão, tem família, tem filhos, quem tem de dar, igualmente, pão, e, por isso, não podem ensangüentar as suas batonetas no povo, seu irmão».

A Comissão Administrativa da União dos Sindicatos Operários de Evora.

UMA SESSÃO SOLENE

No Sindicato do Pessoal Extraordinário dos Tabacos

Na sede deste sindicato, realizou-se ontem, conforme noticiámos uma sessão solene, para inauguração dos retratos dos antigos operários da Companhia dos Tabacos, os camaradas Júlio Máximo Vaz da Cruz e Joaquim Luís, que desempenharam vários cargos no mesmo sindicato e que à classe em geral prestaram relevantes serviços.

A sessão presidiu Alexandre Assis, delegado da U. S. O. por indicação da assidência, sendo da mesma forma indicados para secretariar os camaradas Eduardo Jorge, pelo pessoal demitido e Salvador José, pela comissão administrativa do sindicato.

Depois de o presidente se ter referido à homenagem a prestar a estes dois camaradas, foram os retratos descerados respectivamente pelo pai e filhos que à sessão assistiram, acompanhados, por indicação da assidência, por Abílio Leopoldo Gameiro, também como operário demitido.

Fizeram uso da palavra enaltecendo as qualidades dos homenageados e os serviços pelos mesmos prestados à classe, os camaradas Abílio Leopoldo Gameiro, Eduardo Jorge, José Monteiro, que lamentou que a Sociedade «A Voz do Operário», onde os falecidos desempenharam cargos, se não fizesse representar, ao mesmo tempo que alivitava que se abrisse uma queite para início de uma grande subscrição entre o pessoal para auxiliar a viúva e filhos de Joaquim Luís a qual rendeu 18.700, Virgínia da Conceição, operária da «Regie», a lamentar também que a respectiva classe se não fizesse representar, isto porque os falecidos também trabalharam para que a mesma classe alcançasse benefícios que actualmente goza.

Ainda usaram da palavra Henrique Pinto, Manuel da Silva e Salvador José, operários ao serviço da Companhia.

Notou-se também que a Cooperativa do Pessoal dos Tabacos, de que Joaquim Luís igualmente era tesoureiro se não fizesse representar.

Findos os discursos, José Monteiro e Abílio Leopoldo Gameiro agradeceram nome das famílias de Joaquim Luís e Júlio Vaz da Cruz a homenagem prestada.

O presidente no seu discurso de encerramento também se referiu aos falecidos e ao seu trabalho em prol da classe, incitando os presentes a seguir os exemplos pelos mesmos dados em vida, fazendo votos para que a classe corresponda ao apelo feito, visto que 5 centavos com que cada operário da Companhia concorra semanalmente, suavizariam um pouco a situação precária da viúva e filhos de Joaquim Luís.

NO TEJO

A BORDO DE UMA FRAGATA arde um carregamento de palha

Numa fragata com o n.º 714, que com um carregamento de 1.500 fardos de palha estava ontem atracada no Cais da Areia, declarou-se ontem, cerca das 21 horas, um incêndio, que parece ter sido causado por ponta de cigarro, que ainda aceso para ali tivesse sido deixado.

Tendo comparecido vários material e pessoal do corpo bombeiros, foi o fogo atacado com o emprego de 4 agulhetas, que depressa dominaram o incêndio, e para mais facilmente completa a extinção foram muitos fardos deitados ao mar.

Os prejuízos são importantes não só no carregamento, como no barco.

A fragata e palha pertencem à firma Nogueira Júnior & C. com armazém a Largo S. João da Praça.

Partido Nacional Africano

A fim de tomar conhecimento das resoluções votadas na última reunião plenária das comissões paroquiais de Propaganda de Lisboa do Partido Nacional Africano, reuni-se amanhã, pelas 22 horas, a Junta Central desse partido.

DE BOM HUMOR

Numa das últimas noites, à hora do começo dos espetáculos e da factura dos jornais matutinos faltou a luz em Lisboa, não funcionando por esse motivo aqueles teatros que não tem iluminação caseira nem se efectuando a corrida nocturna no Campo Pequeno.

—acontecimento mais grave— não publicando *A Manhã* que, tendo submetido por diversas vezes o seu pessoal gráfico e redactorial ao regime prolongado e pouco nutritivo de pão de segunda e laranjas azedas por ocasião das greves pró aumentos de salário, não quis sujeitá-lo, nessa noite, ao «regime» analítico e dispensando «das vésulas de stearina», como consta da nota enviada pela redação do mesmo jornal.

—A vida do sindicalismo— disse él— está em jôgo, ou melhor em perigo, e não sabemos ainda se o título de sindicalista revolucionário não constitui um crime de lesa-Conferência.

Nós deveríamos ter saído da guerra com um ódio destruído contra o capitalismo, mas não aconteceu isso. Quando os operários franceses olham para o lado dos governantes, avistam os chefes operários, que continuam na paz a guerra sagrada.

—Joubaux fala na Sociedade das Nações, do desarmamento? Como poderá acreditar, que os governos, que lancaram os povos uns contra os outros, velem para a paz?

Falando da Internacional, Monatte declarou:

—Nós queremos uma Internacional que seja internacionalista e Amsterdam é uma reunião internacional de nacionais.

Martens, da Bélgica, é mais realista do que o seu rei, e Joubaux é mais «únio sagrado» que Poincaré.

Tudo que se passa em Amsterdam é feito as ocultas. Foi preciso que um jornal inglês nos noticiasse que em Amsterdam se quis casar a Internacional de Amsterdam com a Segunda e Sétima.

—Mas ainda há coisas piores, conforme confessou Bartuel na «Revista do Trabalho». E' o Conselho Internacional do trabalho, saído da conferência de Washington, quem deve dirigir ocultamente os nortes nos sentiremos próximo deles pelas expressas intenções revolucionárias. Mas também nisto nos arrefece a recordação de que aqueles que hoje reprovam a conduta dos socialistas por ocasião da ocupação das fábricas e de outras situações revolucionárias, são os mesmos que naquela época, em nome da disciplina do partido, foram contra os círculos e companheiros dos que atacaram hoje violentamente.

—Fique descansado O. M. Serrati, que os comunistas não se servirão dos anarquistas contra os socialistas, como estes também não se servirão deles contra os comunistas. Nós somos anarquistas, conservamos-nos anarquistas, e só trabalhamos pela nossa causa.

—Que se faz na C. G. T.? Nada mais que se dão a perros para concertar os alegria da moeira do proximo, sem contudo, lograrem seu intento, sobremodo humanitário, tanto quanto inglório e improdutivo.

—Nada se dá aqueles, que apenas apresentam projectos, só se dá aqueles que se revoltam, e o Norte terá como disse Bartuel, mas nós dizemos que a C. G. T., aquela que criaremos com Moscova, é que deve ser, nacionalmente e internacionalmente, a central de energia.

—Que se faz na C. G. T.?

Nada mais que projetos utópicos.

Uma comissão de inquérito da C. G. T. ridiculizou-se nas regiões devastadas indo-se avistar com burgueses, e esquecendo as suas tristes realidades.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e internacionalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e

internationalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e

internationalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e

internationalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e

internationalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e

internationalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

que se revoltam, e o Norte terá como

disse Bartuel, mas nós dizemos que a

C. G. T., aquela que criaremos com

Moscova, é que deve ser, nacionalmente e

internationalmente, a central de energia.

—Nada se dá aqueles, que apenas

apresentam projectos, só se dá aqueles

Também faleceu nesta enfermaria, há dias, Júlio Pereira de Lima, de 23 anos, natural do Porto, empregado no escritório do sr. João Nascimento dos Santos, rua de Santa Justa, 61, 2.º, o qual se encontrava preso desde de 18 de Agosto de 1918, não tendo ainda respondido. Esteve um ano na enfermaria lutando com a tuberculose, morrendo à minguada de recursos, apesar de várias vezes ter ido ao colo à presença do sr. Francisco pedir provisões.

Muito mais temos para dizer, aguardamos, porém, as provisões que tomarão para com os carrascos do infeliz Gervásio Lopes, não esquecendo também o procedimento a haver com o enfermeiro sr. Azevedo, já bem célebre nesta cadeia e o maior responsável de tudo quanto se passa na enfermaria. Querem os camaradas que é deles quando o sub-chefe veio à enfermaria a pedido dos reclusos do Grupo B, para poder verificar em que estado se encontrava a vítima? Começou logo desculpando a ação do seu ajudante alegando que este se tinha esquivado deles. Não obstante o sub-chefe ordenou que desse entrada no segredo o autor da hedionda proesa, o que não sucedeu a final devido ao enfermeiro.

Não difamamos, não falsemos, nem desvirtuemos factos. Acusamos lealmente e argumentamos em bases sólidas, verificadas.

Passam-se estes factos em Lisboa, capital dum nação que se diz civilizada, em plena vigência dum democracia e dentro dum estabelecimento penal que, a cumprir-se as promessas feitas nos comícios demolidores de outrora, devia ser um lugar de regeneração.

Uma nova carta recebemos ontem em que nos é notificado que o desventurado Gervásio António Lopes já faleceu.

Era natural de Vila Nova de Ourem, de 50 anos, filho de Joaquim António Lopes e de Maria Nazaré e casado com Maria Afonso.

Estava preso sob a acusação de ofensas corporais, tendo dado entrada na cadeia em 31 de Agosto do corrente ano.

Era um antigo operário da Companhia Carris que se encontrava reformado, pelo que os presos por questões sociais e de delito comum, nesta carta fazem apelo aos camaradas do sindicato do pessoal da mesma Companhia para que se informem na Cadeia das torturas de que foi vítima o infeliz, a fim de erguerem um forte protesto e requererem a autópsia, pois é voz corrente que o Gervásio morreu envenenado. O aspecto do cadáver é horrível, afirmando os companheiros que o Gervásio faleceu à meia-noite e meia hora de domingo, pois havia já 54 horas que não dava acordo de si.

Dizem-nos os camaradas que subscrevem a carta que não há na cadeia quem de provisões a estes factos retonantes e hediondos. O diretor encontra-se na Curia, mas, ainda que estivesse em Lisboa, não provisoriaria, conforme é seu costume.

Contra a desumanidade patronal

O S. U. Metalúrgico, por intermédio do seu delegado Joaquim da Silva, continua na sua missão de defesa dos aprendizes menores

Apesar da constante vigilância a que se dedicou o camarada Joaquim da Silva, que não só é vogal do Tribunal de Arbitros Avindores, mas também como delegado do sindicato, vem de há muito tempo a esta parte velando pela proteção e defesa dos menores na indústria, segundo a lei de 14 de Abril de 1891, continua grande número de industriais metalúrgicos a obrigar os seus aprendizes menores a transportar enormes pesos por essas ruas da cidade.

Ultimamente tem-se visto obrigado o nosso velho camarada, que não faz mais do que praticar um acto de humanidade e cumprimento, em nome do sindicato, a uma deliberação do recente congresso de indústria, a ir postar-se às portas dos armazens de ferro onde grande número de menores acorre a buscar grandes cargos que os senhores humanos patrões pretendem obrigar-lhos a transportar para as respectivas oficinas, muitas das quais se acham instaladas nos extremos da cidade. Alguns tempos perdido em troca de outros afares do sindicato, tem sido compensado pelo grande alívio que o nosso camarada, fazendo cumprir a lei, proporciona aos pequenos seres, que a não ser assim, ver-se-iam constantemente maltratados pela selvageria das que sóbreles estavam impunemente tripudavam.

Extranhável é que a restante imprensa que tanto blasona de humanismo, não secunda este belo gesto de proteção e defesa dos menores, que serão os homens de amanhã, levantando nos respectivos periódicos uma campanha contra os causadores da degenerância e atrofamento das classes trabalhadoras.

Mas, - do mal o menos; neste caso dos menores, por muito que pese aos gananciosos exploradores, - o nosso velho camarada - enquanto o sindicato não lhe retirar a confiança e continuar como membro do tribunal - não trepidará em impedir que contumiu a infame exploração sobre os menores, na condução de pesados carregos pela via pública. Fazendo cumprir o artigo 7.º do regulamento da lei de 14 de Abril de 1891, ele não permitirá que os referidos menores atraçavam as ruas da cidade ajuados com enormes pesos, como queimados burrinhos de carga.

O cuidado de Joaquim da Silva, pela situação dos pequenos aprendizes não se tem restringindo apenas à intervenção no impedimento do transporte de cargas, tem ido até ao ponto de ultimamente entrar nas oficinas e fiscalizar de perto as condições de trabalho dos referidos menores.

O que o nosso velho camarada tem presenteado por essas oficinas em matéria de segurança e higiene não só dos aprendizes menores, como dos operários adultos - será assunto que a *Batalha* tratará numa extensa exposição por elle feita e em ocasião muito próxima pois que o nosso jornal, que brevemente passará a sair, com quatro páginas, terá o espaço suficiente para tratar mais desenvolvidamente destes assuntos que muito interessam à defesa da classe trabalhadora, impondo-se pola missão humanitária a cumprir.

Recebemos de 2000 nomes de inscritos, das quais 1000 pertencem ao setor de limpeza e conservação do setor.

Inscravem-se subscritores os sr. Manuel de Oliveira, Francisco Pedro Marques, Germano Rodrigues, Julião do Carmo, Carlos de Carvalho, Francisco Martins, Alvaro Costa, José Soares, João Fernandes, D. José Rodrigues, António M. Verissimo, D. Marcellina C. Pereira, F. Nunes de Carvalho, Júlio Caheiros, Henrique Carlos Azevedo, Brown, Francisco S. R. S. Rodrigues, António de Oliveira Pires, Mário Antunes Alves, Barreiro, Miguel Antunes, Francisco Alves, Alvaro, José J. Moreira, José Rodrigues, Júlio de Azevedo, Augusto Martins, José Rodrigues, Loureiro, Francisco Gonçalves, Silvestre Augusto, Cusidó, José Rodrigues, Joaquim, Rodrigues, Eduardo Abreu Amaro, José M. Carvalho, Mário Antunes, Lemos, D. M. M. Carvalho, D. Santos Vital de Lemos, José da Nascimento Nobre, Alfredo, José Evaristo e M. N. Dias.

DESORDEM

No banco do hospital de S. José, recentemente criado, Joaquim Domingos, de 25 anos, natural de Lisboa, sapateiro e residente na rua da Guia, 6.º d.º, quando na noite da Guia se envolveram em desordem com outros indivíduos que se evadiram resultando ficarem feridos no rosto.

Suicídio ou desastre?

Deu ontem à noite entrada na Morgue, António Viegas, de 21 anos, que morava na rua Saraiça de Carvalho, 111, P. r. c. e que morreu com um tiro no peito, ignorando-se se se trata de um suicídio ou de um desastre.

Passeio a Sintra

Realizou-se no próximo dia 11, promovido pelo Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, o passeio de confraternização a Sintra, pede-se aos camaradas inscritos, que ainda não pagaram as últimas prestações, o favor de as pagar o mais depressa possível.

A inscrição continua aberta, sendo o seu custo 2\$50.

Queda de uma árvore

No salão de observações do banco do hospital de S. José deu ontem entrada Manuel Fernandes, de 45 anos, natural de Lisboa e residente no Beco da Ribeira, 10.º d.º, que em Carnaxide caiu de uma árvore morta e queimada, ficando com ferimentos graves na cabeça e clavícula e queimaduras.

Trabalhadores: Lide e propagai A BATALHA

A BATALHA

“ no Porto ”

A. U. S. O. P. e o projectado concurso dos políticos contra a actual situação económica

PORTO, 3. - Parece que sempre se realiza o comício contra a carestia da vida e a marcha económica do país, projectado pela Comissão Nacional da Nogueira para ser tratado um assunto do Conselho dos Estados, a qual continua a fazer o seu trabalho.

Sindicato Unico da Construção Civil. - Reúne hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: leitura e discussão do programa de ação do sindicato, aprovado na reunião que se realizou a 1 de Outubro, no teatro São João do Porto.

Da companhia Palma Bastos, que se estreia a 1 de Outubro, no São João do Porto, também faz parte o actor Augusto Machado.

Reclames

Constitui um legítimo êxito, a apresentação de uma companhia infantil dirigida por um avô, a *União dos Sindicatos*, que se fez admirar no Avenida.

Conselho administrativo. - Para um anúncio de magna importância reúne amanhã este conselho, pelas 21 horas, em conjunto com a comissão administrativa da União dos S. Operários, Comissão Escolar e C. de Minas.

Secção profissional de mecânicos em madeira. - Reúne hoje pelas 21 horas a comissão profissional, para tratar dos assuntos de grande importância.

Sindicato Unico Metalúrgico. - Comissão de reuniões ordinárias desta comissão que se reúne a sexta-feira, às 21 horas, devido ao seu regresso, a inauguração da época de inverno, que será iniciada com outra peça.

O Amor Perfeito é um afastado de sehoras, que em estas adoram, e que por motivos de segredo eleita Linda Música.

Secção profissional de carpinteiros e carpinteiros e escultores.

</div